



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

JOANA NASCIMENTO BERÇOTT

O EU EM LUTO:
A PALAVRA ESPELHADA NAS OBRAS *NOTAS SOBRE O LUTO*, DE
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, E *DIÁRIO DE LUTO*, DE ROLAND BARTHES

BRASÍLIA
2024

JOANA NASCIMENTO BERÇOTT

O EU EM LUTO:

A PALAVRA ESPELHADA NAS OBRAS *NOTAS SOBRE O LUTO*, DE CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE, E *DIÁRIO DE LUTO*, DE ROLAND BARTHES

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do grau de Licenciada
em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva
Literatura.

Orientadora: Professora Doutora Patricia
Trindade Nakagome

BRASÍLIA
2024

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, pelo Dom da vida e por me ensinar que a morte não é o fim.

À minha família. Aos meus pais, César Augusto e Cintia, por me mostrarem o caminho da Fé e da educação, por nunca desistirem de rezar para que os filhos se encontrem com o amor de Deus. Aos meus irmãos, Débora, Rafael, Camila e Davi, por todos os anos de imensurável apoio, consolo e companhia. Sem vocês, eu seria uma enorme egoísta. Às minhas avós, Celene e Nelma, pelas inúmeras orações.

À minha comunidade. Aos irmãos e às irmãs que fiz pelo caminho, especialmente, Ana Beatriz, Fernanda, Gabriela e Patrícia. Cada lágrima derramada, que por vocês foi secada, me ajudou a chegar até aqui. Obrigada por sempre me mostrarem a face misericordiosa de Cristo.

Ao Matheus, meu bem, meu doce e tranquilo amor. Os dias são mais ensolarados ao seu lado. Obrigada por me fazer companhia durante cada palavra, por ter calma e paciência enquanto eu encontrava a minha voz neste trabalho e por ter me confortado quando eu vivi meus lutos novamente durante o processo.

À Universidade de Brasília (UnB), por toda estrutura e apoio durante minha graduação. À Biblioteca Central da UnB (BCE), por guardar consigo minhas horas e horas de estudo, leitura e escrita. Ao corpo docente do Instituto de Letras, por todo o incentivo ao longo dos suados anos de graduação, especialmente Ana Laura dos Reis, Cintia Caldeira, Fabrícia Wallace, Juliana Dias, Marcos Eustáquio Neto, Marcus Lunguinho, Rodrigo Albuquerque, Rozana Naves e Walkíria Praça. O amor de vocês pela palavra me faz amá-la ainda mais.

À minha orientadora Patricia Nakagome, que, com sua escuta atenciosa e seus olhos carinhosos, acreditou nesta monografia muito antes de mim. Obrigada, Patricia, por decorar meu sobrenome no 1º semestre e lembrar de mim naquele e-mail esperançoso. Obrigada por cada conselho, cada áudio, cada conversa.

Aos meus colegas de faculdade, em especial, Ana Paula, Dayse, Débora, Emilly, Gabriel, Gabriela, Joyce, Júlia, Lara, Lin, Lucas Gabriel, Luiz Eduardo, Morgana, Renata. Minha formação acadêmica e humana passa também pelas nossas ligações, pelas nossas conversas e pelos seus conselhos. As risadas compartilhadas jamais serão esquecidas.

Aos professores que me inspiraram o desejo de partilhar o ambiente escolar: Caroline Vilhena, Edmar Oliveira, Marcelo Miller, Mateus Guedes, Mônica Braga, Roberta Savana, Stefanie Mendes e Túlio Marques.

Por fim, aos meus avôs, Antônio e José Flávio, de quem sou uma eterna admiradora e por quem sei que serei eternamente auxiliada. Esta obra é um reflexo da marca que deixaram em mim. Espero honrá-los com minha vida. Sem pressa, nos encontraremos.

RESUMO

Neste trabalho, me propus a analisar as obras enlutadas *Notas sobre o luto*, de Chimamanda Adichie, e *Diário de Luto*, de Roland Barthes, sob a perspectiva do leitor (eu-leitor) também enlutado. Abordo, assim, as semelhanças entre as experiências de luto dos dois autores e a minha experiência, a partir da palavra-espelho: a palavra do outro que é capaz de revelar o meu texto-leitura (Barthes, 2004). Dessa forma, encontro a palavra falada, escrita e/ou lida capaz de (des)confortar e preparar para a própria morte.

Palavras-chave: luto; texto-leitura; palavra-espelho.

ABSTRACT

In this work, I set out to analyze the mourning productions *Notes on Grief* by Chimamanda Adichie and *Mourning Diary* by Roland Barthes, from the reader's perspective (me as reader), who is also grieving. Thus, I address the similarities between both authors' mourning experiences with my own, starting from the mirror-word: the word of the other that can reveal my text-reading (Barthes, 2004). That way, I find the spoken, written and/or read word capable of (dis)comfort and prepare for death itself.

Keywords: Grief; Text-reading; mirror-word.

SUMÁRIO

1	ENCONTRO: O RECONHECIMENTO DE SI (NO SENTIMENTO DO OUTRO)	8
2	PALAVRA-DESCONFORTO: O OUTRO	11
3	PALAVRA-CONFORTO	16
3.1	A escrita memorial	16
3.2	A leitura consoladora	19
4	A ÚLTIMA PÁGINA: A MORTE	21
	REFERÊNCIAS	23

1 ENCONTRO: O RECONHECIMENTO DE SI (NO SENTIMENTO DO OUTRO)

Este trabalho, inicialmente, teve sua semente plantada em mim quando vivenciei meu primeiro luto: meu avô materno Antonio. Na época, empolgada com as primeiras experiências da universidade — com um gostinho de uma vida adulta —, não lembro de buscar conforto na leitura. Alguns anos depois, no meio de uma pandemia, a ausência do meu avô paterno José Flávio pegou a todos de surpresa, uma doença crônica que não o levaria tão cedo acabou se agravando rapidamente com o contexto pandêmico. Essa ausência acumulada, agora em um momento de muita solidão e distanciamento, fez com que a leitura me encontrasse.

O livro *Notas sobre o luto*, de Chimamanda Adichie, veio primeiro e me encontrou já na segunda ausência. O luto da autora pela morte do pai James Adichie refletia o meu em muitos aspectos: o isolamento, o contexto pandêmico, a saudade arrebatadora, a falta de alguém que marcara muito a vida. Os espelhos eram tantos e tão grandes que me carregavam de volta para meu primeiro luto também. A leitura de um relato pessoal e íntimo, que havia sido feito como uma forma de vivenciar o próprio luto, me ajudava a sobreviver ao meu. Eu podia enxergar na obra (e em mim) a ausência do outro que fere no lugar comum e a experiência coletiva de vivê-la em isolamento.

Posteriormente, *Diário de luto*, de Roland Barthes, encontrou-me enquanto eu me decidia sobre o que falar neste trabalho. O luto já era como conversa rotineira, percorria meus pensamentos com naturalidade. Os outros se assustavam com minha decisão firme de falar sobre a morte, como se o assunto não pudesse ser nomeado, como se fosse constrangedor finalmente ter palavras para a perda. Barthes, então, quando relatou seus sentimentos após o falecimento de sua mãe Henriette Barthes, mostrou-me como a sociedade perde ao “negar o luto” (Barthes, 2011, p.151), como precisamos urgentemente falar sobre a morte com todas as palavras. Ele lembrou-me como a leitura, também, tem o poder de acordar sentimentos já muito adormecidos, de abrir feridas já aparentemente cicatrizadas, de despertar a vontade de escrever, porque preciso sentir e preciso falar.

Na palavra escrita, os autores desvelam e velam seus lutos, encontram consolo e nomeiam mundos novos — mundos antigos que foram extremamente alterados pela perda e pela dor. Na leitura, a eu-leitora desvela e vela o próprio luto, encontra consolo e nomeia um mundo totalmente novo — um mundo antigo que, de forma profunda, foi alterado pela ausência. A experiência isoladora da perda encontra, então, uma companhia. A leitura de obras marcadas pelo relato pessoal, obras que retratam a perda e a dor, ganham um novo

significado. Essa escrita-partilha — intencional ou não — me recorda momentos em que, em uma conversa íntima entre amigos, descobrimos algo em comum que achávamos pertencer somente a nós: o espanto e o conforto.

Em seguida, no processo de desvendar aquilo que tanto me tocava nas duas obras, o evangelho de São Mateus me encontrou. Em Mateus 16, 13-20, há um diálogo entre Jesus Cristo e seus discípulos. Chegando em Cesareia de Filipe, uma cidade pagã, Jesus, querendo saber o que pensavam e falavam dele, pergunta aos que o acompanhavam quem os outros (e até mesmo seus discípulos) achavam que ele era. Pedro, então, tem a resposta revelada por Deus. Ele reconhece a magnitude do mestre dele e, instantaneamente, como resposta, Cristo revela a magnitude daquele discípulo. O encontro de Pedro e Cristo gera um espelho. Deus revela a Pedro Sua presença em Cristo, assim, ele pode dizer “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, e nisto Cristo pode reconhecer no discípulo a presença de Deus. Um reflexo. Os dois lados de uma mesma folha. A presença, assim, faz com que Cristo possa chamar Simão de Pedro, revelando verdadeiramente quem ele era e qual era sua missão.

A pergunta “Quem és”, de Cristo, acaba por revelar, no fim, a identidade de Simão, o nomeado Pedro. Quando respondo quem tu és, me encontro. No fundo, ver você me revela. O outro me revela. Dessa forma, a literatura tem se edificado dentro do meu eu-leitor: como um espelho. A arte que suscita a emoção, o sentimento, o desejo pelo humano. Portanto, a análise, a crítica, parte do mais íntimo e suscita o que há de mais intenso, já não mais cabendo nos moldes pré-determinados que a academia tanto me ensinou. Urge, então, um distanciamento das fórmulas prontas para a produção deste trabalho, algo defendido por Ribeiro (1999):

Porque não vejo razão, para alguém fazer uma pesquisa de verdade, que não seja o amor a pensar, a libido de conhecer. E, se é de amor ou desejo que se trata, deve gerar tudo o que o amor intenso suscita, de tremedeira até suor nas mãos. O equivalente disso na área de pesquisa é muito simples: o susto, o pavor diante da novidade. Mas um pavor que desperte a vontade de inovar, em vez de levar o estudante a procurar terra firme, terreno conhecido. (Ribeiro, 1999, p. 190)

As duas obras, que espelham minha vida, me despertam o desejo de escrita e pesquisa. Estas não pertencem aos padrões acadêmicos, alcançam, entretanto, o lado mais humano em mim. A intencionalidade do escritor é colocada de lado, porque, no ato de ler, encontro quem eu buscava e (não) sabia. Encaro meu próprio reflexo em páginas e páginas e páginas. Logo, o ato de registrar o luto, foco deste texto, encantou-me como Narciso frente a um reflexo, quase como uma obsessão, uma necessidade. O relato de uma experiência individual revela um

potencial coletivo, que, por fim, encontra o indivíduo novamente: agora, outro. O enlutado abraça o luto e, por fim, abraça o meu eu enlutado.

Aquilo que Barthes (2004) chamaria *texto-leitura* surge para mim quando me deparo com as obras de Adichie (2021) e Barthes (2011). O leitor, retomando as rédeas do processo de leitura, é colocado em foco, e há, então, uma associação do texto material a outros tantos pensamentos e concepções. O texto não caminha sozinho, isolado como uma obra finalizada. É, na verdade, amarrado pela visão de mundo de quem o lê. A leitura — um processo longo e que retorna ao indivíduo por vezes subitamente, por vezes lentamente — vira o centro da análise. A ruminação, este se interromper para escrever um texto imaginário, torna-se um objeto de pesquisa. Deixa o campo das ideias e ganha concretude. Um texto que é tecido a partir do encontro com o outro que, no fim, revela o eu. A estranheza inicial, que surge com o encontro do outro (este como autor e como centro da obra), desnuda meus próprios sentimentos: a outridade.

Olhar você, refletir o eu. Quando te falo (te afirmo) quem és, me responde meu nome. E a resposta que se me apresenta é construída através de palavras, então, nomeio meu luto. Logo, a palavra que perpassa as obras aqui analisadas, me encontra e me revela. Obras que são tão intimamente dos autores, tornam-se tão intimamente minhas. A experiência individual que encontra o outro-individual. Por isso, não posso fazer outra escolha senão a de usar a primeira pessoa do discurso — o eu —, visto que, como expressado por Nakagome (2018): “Uso aqui a primeira pessoa pela necessidade de reforçar textualmente que não quero, em momento algum, dizer o que outros devem fazer. [...] Posso apenas falar por mim, apresentar as minhas questões”.

Nesse contexto, este trabalho nasce junto com as muitas perguntas que o rodeiam, sem nenhuma expectativa de resposta, mas buscando na relação com o outro o consolo que é poder indagar coletivamente. Colocar o foco no eu-leitor, e recuperar na leitura e na escrita companhia e conforto. Sair de mim, com urgência, e encontrar o eu-outro no processo. Através das palavras, escritas e lidas, perceber como se pode (sobre)viver (a)o luto, se (auto)consolar e se preparar para a própria morte.

2 PALAVRA-DESCONFORTO: O OUTRO

A obra *Notas sobre o luto*, de Chimamanda Adichie, começa com uma memória, uma rotina interrompida. Adichie relata os acontecimentos que antecederam o falecimento de seu pai e a quebra de expectativa oriunda deste adormecimento. Precisa-se lidar com uma nova realidade, com uma ausência nunca desejada. A palavra que, de diferentes maneiras, sempre a acompanhou surge novamente, pede para ser proclamada.

A partir da escrita e através das memórias, a autora passa a encarar a falta do pai de frente, as palavras que os outros direcionam a ela lhe assombram, mas as constatações que elas geram parecem mais assustadoras. Os acontecimentos a transportam para uma nova realidade, a qual ela precisa constantemente se adaptar: “ ‘nunca mais’ veio para ficar. ‘Nunca mais’ parece muito injusto e punitivo. Eu vou passar o resto da vida com as mãos estendidas tentando alcançar coisas que não estão mais ali” (Adichie, 2021, p.68).

As mãos estendidas de Adichie, tentando alcançar o que já não está mais presente, me recordam o caráter definitivo do luto. O susto por se deparar com situações que não têm mais chance de se repetirem. Um sentimento na boca da garganta e bem perto do peito por ter algo arrancado furtivamente do futuro. As lembranças constroem imagens dolorosas que constantemente a recordam do irrecuperável.

Nesse sentido, também o livro *Diário de luto*, de Roland Barthes, inicia-se com o rompimento gerado pela falta. O começo de uma tormenta eterna, um sentimento que, como as ondas do mar, vai e vem interminavelmente. Quando a onda vai, leva uma parte de nós, quando a água volta, vem para nos arrancar mais um pedaço, sem se demorar. O sal é como a constatação que estoura a bolha de Barthes no dia 7 de dezembro de 1977: “Agora, por vezes sobe em mim, inopinadamente, como uma bolha que estoura: a constatação: *ela já não existe, ela já não existe*, para sempre e totalmente. É fosco, sem adjetivo – vertiginoso porque **insignificante** (sem interpretação possível). *Nova dor.*” (Barthes, 2011, p.75).

O enlace entre palavra e luto, palavra e sentimento, mostra como, por vezes, para Barthes, a palavra é insuficiente. Como o sentimento é capaz de não permitir interpretação alguma. A língua e a linguagem são limitadas: não têm adjetivos para caracterizar tal constatação, não geram uma imagem translúcida, não são claras o suficiente, não são estáveis o suficiente, não são lentas o suficiente.

A ausência fere em um lugar comum, mas, ao mesmo tempo, está alocada individualmente em um espaço muito específico. O individual sai para o coletivo e volta para o individual. Adichie e Barthes, ao escreverem, entregam para o coletivo aquilo que é tão

deles e encontram a dor do(a) leitor(a)-indivíduo: a minha dor (tão minha). O susto estoura a bolha da realidade, me recorda das primeiras vezes que estendi as mãos buscando insistentemente por momentos e memórias que não estariam mais no porvir. A informação da morte chega em um enterro, depois chega no meio de uma ligação. Sou atravessada pela certeza que sempre soube que viria, mas posso garantir, veio muito rápido. Queria mais tempo.

Sobre isso, Adichie relata: “A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do mundo que conheço desde a infância.” (2021, p.11). Permanentemente transformadas(os), colocadas(os) em realidades que não queríamos, que temíamos, somos obrigados a enfrentar nós mesmos, viver nossos próprios sentimentos, lidar com os buracos e com as faltas. E quando uso a primeira pessoa do plural aqui, uso porque encontro nos dois autores também o meu sentimento. Vejo meu reflexo no espelho-página. Vejo meu reflexo como no diálogo de Pedro e Cristo. Sou permanentemente transformada, como todos eles.

Em consonância, o diário de Barthes coloca lado a lado a primeira noite de ausência com a tão desejada noite de núpcias, contrastando um grande desejo com um grande medo (a morte de alguém amado). Questiona a ausência de um nome para um momento tão memorável. Mostra, logo de início, como a língua é tão escassa quando se trata dos sentimentos. Existiria, então, um nome para a primeira noite de tamanha dor? Teríamos que nomeá-la? Buscar no léxico uma forma de refletir, encontrar consolo por meio das palavras. O que seria a escrita, nesses casos, se não um auto-consolo, uma busca-encontro daquilo que pode talvez ordenar, talvez definir a bolha que foi estourada e as incansáveis mãos que buscam?

Por outro lado, os enlutados (e eu) parecem não encontrar o consolo proveniente da palavra direcionada por outrem. Eu, arrebatada por um sentimento tão particular, tão único, não consigo ser consolada, porque tenho certeza de que ninguém é capaz de medir, ninguém é capaz de compreender. Assim, Barthes representa, no dia 27 de outubro de 1977, esta distância entre o eu e o outro que se cria quando perdemos alguém, esta incapacidade de ser alcançado, “Todos calculam – eu o sinto – o grau da intensidade do luto. Mas é impossível (sinais irrisórios, contraditórios) medir quanto alguém está atingido” (p.10).

Ninguém vive o meu luto. Ninguém o sente. As palavras dos outros me procuram e não me encontram. Aqui aparece o desconsoho vindo da palavra. O que é dito não alcança o indivíduo enlutado. A experiência também perpassa as duas obras, para Adichie, “O luto é uma forma cruel de aprendizado. Você aprende como ele pode ser pouco suave, raivoso.

Aprende como os pêsames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras” (Adichie, 2021, p. 14).

Na experiência da autora, o luto e a língua também estão intrinsecamente amarrados, estão em uma constante batalha. Para aqueles que se dirigem a ela, a palavra enlutada é rasa, somente atinge a superfície — entra na batalha para ser derrotada —, luta incansavelmente, busca incansavelmente, mas não alcança a vitória. Para ela, a busca pela palavra, a batalha com ela, aparece não só por causa da escrita que está sendo concretizada com a obra como também por causa das conversas com o outro, a incessante procura por palavras capazes de descrever aquilo que se vive, gerando o sentimento de distância daquele com quem se fala.

Posteriormente, no capítulo 10, a escritora novamente relata seu incômodo com as palavras que procuram consolar uma pessoa isolada por sua dor: “Esquivo-me das condolências. As pessoas são gentis, bem-intencionadas, mas saber disso não torna suas palavras menos irritantes” (Adichie, 2021, p. 36). Reforço a escolha da autora pelo verbo “esquivar”, a distância que ela sente dos outros é também uma distância que deseja colocar. A solidão é intencional. Ela encontra do outro, da palavra do outro, o desconsolo, por isso se esquiva, evita encontrar. Em seguida, Adichie escreve: “ ‘Ele foi para um lugar melhor’ é de uma presunção espantosa e tem um quê de inepto. Como é que você poderia saber? E por acaso eu, que estou de luto por ele, não deveria ter acesso primeiro a essa informação? Será que eu deveria mesmo estar ouvindo isso de você?” (Adichie, 2021, p. 37).

Irrompe a certeza de que também não há palavras suficientes para dizer a alguém. Uma nova perspectiva, então, é adquirida através do luto. Para Adichie, a incapacidade de consolar pelo outro a fez repensar quando tentava consolar um enlutado. Ainda no capítulo 10, a autora conclui, “Eu hoje me envergonho das palavras que já disse a amigos enlutados. ‘Encontre paz nas suas lembranças’, eu costumava dizer. Ter um amor arrancado, sobretudo quando isso é inesperado, e depois ouvir que se deve recorrer às lembranças. Em vez de virem me acudir, minhas lembranças trazem eloquentes pontadas de dor que dizem: ‘É isso que você nunca mais vai ter’.” (Adichie, 2021, p. 38).

Apesar de Barthes não concluir, especificamente, algo sobre o outro em luto, ele recebe do outro algo semelhante ao relatado por Adichie no trecho acima. Percebe-se que o outro por vezes “inventa” informações para nos consolar e nos afasta novamente. Sobre isso, Barthes escreve no dia 29 de outubro de 1977, “Na frase ‘Ela não sofre mais’, a que, a quem remete o ‘ela’? Que quer dizer esse presente?” (Barthes, 2011, p. 15).

A palavra “presente” escrita pelo autor, me conduz por dois caminhos diferentes, levando em conta, inicialmente, o texto traduzido. O presente que fala do tempo, remetendo

ao verbo “sofrer”, na frase, usado no presente do indicativo. Afinal, como usar o presente para falar de alguém que constantemente o choca por estar agora no pretérito? Como falar que ela sofre ou não sofre se não está mais presente para ver a realidade que se descortina? Por outro lado, a fala da pessoa, com uma intenção boa, poderia remeter a um presente físico, aquele que ganhamos em momentos importantes da vida, e como pode a ausência de alguém muito amado ser algum tipo de presente? Como a morte pode nos ser um regalo?

Nesse sentido, quando analisamos o texto original, “Dans la phrase « Elle ne souffre plus », à quoi, à qui renvoie « elle » ? Que veut dire ce présent?” (BARTHES, 2009, p. 25), notamos o uso da palavra “présent”, que é usualmente utilizada para representar o tempo, porém, ao buscar no dicionário de sinônimos Larousse (2024), a palavra é colocada como um sinônimo literário usado para representar o presente físico, podendo sustentar também a hipótese tratada acima.

Em outro momento da obra, Barthes, no dia 29 de novembro de 1977, detalha um diálogo, em que mais um desconforto se manifesta:

Luto

Expliquei a AC, num monólogo, como meu pesar é caótico, errático, e assim resiste à ideia corrente - e psicanalítica - de um luto submisso ao tempo, que se dialetiza, se desgasta, “se arranja”. A tristeza não levou de imediato coisa alguma - mas, em contrapartida, não se desgasta.

- Ao que AC responde: o luto é isto. (Ele se constitui, assim, em sujeito do Saber, da Redução) - e isso me faz sofrer. Não posso suportar que reduzam - que generalizem - Kierkegaard - meu pesar: é como se o roubassem de mim. (Barthes, 2011, p. 69).

O incômodo do autor, gerado pela tentativa de resumir um sentimento que nem palavras são capazes de delimitar e representar, é explicado por Oliveira, Ribeiro e Ottoni Bylaardt (2019):

A réplica “o luto é isto” normaliza o sofrimento atroz vivido pelo enlutado, organiza num normal – normatizado e comum – a experiência individual sentida como extraordinária e insuportável. O sentimento, dito de maneira tão seca, tão redutora – “o luto é isto” –, acaba generalizando o pesar, e, por meio da palavra que o encerra em diagnóstico, termina por roubar o seu sofrimento, negando o direito ao que seria uma espécie de legitimidade do sofrer. (Oliveira; Ribeiro; Ottoni Bylaardt, 2019, p. 14)

Novamente, a palavra, que é incapaz de traduzir tamanho sofrimento gerado pelo luto, incomoda e instiga o autor. A língua não pode ser uma jaula. A língua não pode prender,

não pode o roubar, não pode o afastar de seus sentimentos. Como posso usar palavras tão comuns e tão conhecidas em um momento tão meu, tão excepcional? Talvez somente uma língua nova. Talvez somente o silêncio.

3 PALAVRA-CONFORTO

Arrisco-me ao usar a palavra conforto como título desta seção. Como poderia fazer tal escolha depois de relatar a tamanha batalha que é perder permanentemente alguém tão amado? Coloco na minha própria conta, mesmo sabendo que em nenhum momento os autores relataram se sentirem confortados (ou confortáveis). Preciso acreditar em uma pequena parte dentro de mim que grita de amor. Não posso escrever todas estas palavras tristes sem as rodear de beleza, não suportaria que este trabalho refletisse as dores e não honrasse Antonio Sérgio Nascimento, José Flávio Berçott, James Adichie e Henriette Barthes. Só posso sofrer exageradamente, porque amei (e amo) exageradamente e acredito que o mesmo apareça na obra dos dois autores. Então, enxergo em *Notas sobre o luto* e *Diário de luto* uma escrita capaz de confortar Adichie e Barthes.

Uma engrenagem parece se mover lentamente enquanto “assisto” aos autores velarem seus lutos através das palavras. Algo que Oliveira, Ribeiro e Ottoni Bylaardt (2019) também interpretam através da psicanálise:

Na ausência do ser amado, a perda é aquilo que sobra desse objeto perdido, e, sendo o que sobra, torna-se preciosa. É nesse ponto que se insere a ideia de que o espírito enlutado passa a habitar o espaço de uma assombração, ou seja, a própria presença da ausência, que ele cultiva, tentando recriar essa existência a partir da produção de um novo objeto, neste caso, conforme observamos nos apontamentos do Diário, a partir de atos de escrita. O luto parece assim se estabelecer como uma relação especial de aproximação com o objeto ausente. Essa presença da ausência passa também a dizer respeito a uma relação que se instaura pela escrita. (Oliveira; Ribeiro; Ottoni Bylaardt, 2019, p.17)

Logo, por meio da escrita, Adichie e Barthes aproximam a distância que foi criada pelo falecimento da pessoa amada — o pai e a mãe —, encontrando uma espécie de conforto advinda da presença ausente. Então, a partir da escrita enlutada — que processa e acalenta —, posso encontrar consolo na leitura, encurtando a distância das pessoas que amo e já não estão mais presentes fisicamente — meus avôs.

3.1 A escrita memorial

O sofrimento dos autores desencadeia uma série de lembranças. A ausência recorda a presença. A escrita, então, monta-se como uma forma de, preciosamente, preservar a

memória. As obras de Adichie e Barthes constroem um memorial da marca dos pais em suas vidas. Assim, fica evidente como a vida e a morte caminham de mãos dadas. Do outro lado da página da morte, há vida. Atrás da página-espelho enlutada, há vida. A escrita mantém quem partiu eternamente presente.

Nesse sentido, a música “Poema”, escrita por Cazuzza e interpretada por Ney Matogrosso, fala do que é “escuro e frio, mas também bonito, porque é iluminado” ao retratar a compreensão do eu-lírico frente a uma perda não necessariamente atrelada à morte. A canção, uma carta feita para a avó de Cazuzza (1992), representa como a escrita é capaz de nos fazer acostumar com os sentimentos dentro do peito, como é capaz de ampliar e decodificar (na mesma intensidade) o que é sentido.

Além disso, a letra simboliza aquilo que acredito ser o mais belo no luto, quando a dor assenta no lugar a ela designado, estoura a bolha de uma nova certeza, a de que carregamos eternamente algo do outro: “Senti um abraço forte, já não era medo, era uma coisa sua que ficou em mim e não tem fim” (Cazuzza, 1992). Rodeada da presença dos meus avôs, abraçada por quem foram, abraçada por quem são, levo comigo não mais o medo, mas Antonio e José.

Nessa mesma lógica, Adichie relembra, pela escrita, a presença do pai em diversos momentos. Em um específico, recorda a facilidade do pai em acreditar nela e o desejo que ele tinha de construir nela a própria autoconfiança, por isso, a autora constata: “O que me formou foi o conjunto de tudo que ele era, mas foram também esses incidentes, pedacinho por pedacinho” (Adichie, 2021, p.52). Aquilo que fica conosco eternamente, como dito por Cazuzza, nos molda em quem somos, nos aproxima de quem se foi. A autora, também, registra:

Minha melhor amiga Uju me conta como meu pai se virou para ela no final do meu discurso no Harvard Class Day, em 2018, e com uma voz mais potente ainda devido ao fato de estar cochichando falou: “Olhe, estão todos se levantando para ela”. Isso me faz chorar. Parte da tirania do luto é que ele impede a pessoa de recordar as coisas importantes. O orgulho que ele sentia de mim é importante, mais do que o de qualquer outra pessoa. (Adichie, 2021, p.62)

O luto, que transforma a memória em um artigo de luxo, agarrado ao imperdoável tempo, deixa na boca um gosto agridoce: nos arranca aos poucos as lembranças, mas nos permite abraçar as marcas que o outro deixou para/em nós. Somos formados pelo conjunto de pessoas que nos rodearam (e nos rodeiam) e, para a autora, se segurar a isto é fundamental enquanto vive (o luto): “Há uma sensação assustadora de afastamento, de uma ancestralidade

que escapa, mas eu tenho o suficiente, se não para a memória, pelo menos para o mito” (Adichie, 2021, p. 102).

Do mesmo modo, as memórias aparecem para Barthes, o surpreendendo constantemente, no dia 17 de maio de 1978, ele escreve:

Ontem à noite, filme estúpido e grosseiro, One Two Two. Passa-se na época do caso Stavisky, que vivenciei. Em geral, isso não me lembra nada. Mas de repente um pormenor do cenário me emociona: simplesmente um lustre com abajur plissado e cordão pendente. Mam. fazia desses abajures - como os fizera em batique. Ela inteira aparece diante de mim. (Barthes, 2011, p. 122).

A lembrança, para Barthes, é alívio e tormento. Permite que a mãe possa se apresentar viva a ele, como parte constante de quem o autor é, em contrapartida, relembra frequentemente a ausência. O gosto agridoce. Talvez a memória seja o que nos mantém em movimento depois da perda. Talvez seja aquilo que nos impede de estagnar, porque nos rodeia de amor. A escrita enlutada, então, registra e imprime quanto fomos amados, quanto amamos. Por isso, a necessidade rodeia a palavra, como Barthes coloca no dia 5 de junho de 1978:

[...]Antes de retomar, com *sabedoria e estoicismo*, o curso (aliás não previsto) da obra, preciso (sinto-o bem) fazer aquele livro acerca de mam. Em certo sentido, também, é como se eu precisasse *fazer reconhecer mam*. Isto é o tema do “monumento”; mas: Para mim, o Monumento não é o *durável*, o *eterno* (minha doutrina é muito profissionalmente a de que *Tudo passa*: os túmulos também morrem); ele é um ato, *um ativo* que faz *reconhecer*. (Barthes, 2011, p.130)

Ao longo da vida, Barthes dedicou algumas obras para a mãe, monumentos que honraram a vida de Henriette Barthes, uma delas sendo *A Câmara Clara* (1984). O livro, conhecido como uma referência para a área da fotografia, na verdade, também é um retrato da memória enlutada do autor. Ao longo da obra, enquanto enumera uma série de ideias, Barthes cita uma fotografia da mãe sem nunca a revelar, para, por fim, dizer que não adiantaria mostrar a imagem, visto que a compreensão que ele tem da foto só existe porque ele a viveu. Ou seja, o retrato da mãe é um símbolo da memória de Barthes e somente da memória dele. A escrita, no caso deste trabalho e no caso da obra de Adichie e Barthes, é como uma fotografia.

Os escritores, agora, guardiões de memórias, capturam pequenas imagens eternas por meio da escrita e guardam vivos os pais em retratos que a eu-leitora é incapaz de decifrar em

sua totalidade, mas que me permite fotografar, em meu texto-leitura, a presença eterna de meus avôs em mim. Eu faço aqui a minha fotografia.

A escrita, para os autores, é inevitável. Surge não como algo durável e eterno, mas como o sentimento mais profundo que faz reconhecer dentro deles a existência dos pais. Urge que eles estejam gravados em palavras. Estas, tão simbólicas para eles, revelam o luto e a dor que habitam neles. Por meio destas, Barthes percebe, no dia 13 de junho de 1978:

Não suprimir o luto (a dor) (ideia estúpida do tempo que abolirá), mais mudá-lo, transformá-lo, fazê-lo passar de um estado estático (estase, entupimento, recorrências repetitivas do idêntico) a um estado fluido. (Barthes, 2011, p.139)

A obra de Barthes, que se monta a partir de pequenos registros, evidencia a tentativa dele de se aproximar da mãe, não mais presente. Ajuda-lhe a dar fluidez à dor sentida por ele, mostrando como a escrita é capaz de transformar o estado estático que o sofrimento pode deixar. Assim, tanto Barthes quanto Adichie encontram refúgio na palavra escrita e, talvez, por isso, eu não consiga escrever este trabalho sem relacioná-lo ao meu próprio luto, à minha própria dor — porque desejo fazer presente aqueles que se foram, porque com a leitura da obra dos autores pude encontrar este texto consolador.

3.2 A leitura consoladora

Nesse sentido, o conceito de texto-leitura abordado por Barthes (2004) retoma a leitura como um objeto de estudo e garante ao leitor um lugar na análise literária, afirmando o poder de disseminação do processo: “...a composição canaliza; a leitura, pelo contrário (esse texto que escrevemos em nós quando lemos), dispersa, dissemina...” (Barthes, 2004, p. 28). Assim, as obras de Adichie e Barthes se apresentam para mim como uma forma de espalhar e derramar os sentimentos que aqui habitam.

A leitura permite a liberdade dos pensamentos, sem restringir, sem agarrar. Mais que um impulso para a escrita consoladora, o ato de ler me garante fluidez e permissão, me revela (como um espelho) e releva a imagem do meu sofrimento. Imprime no texto a minha postura, dando vida a ele (Barthes, 2004), marcando a figura do meu corpo e de tudo que carrego com ele, conseqüentemente.

Quando busquei a leitura, impulsionada pelo luto, tinha o desejo insuportável de encontrar, por meio das obras, uma descrição do meu sentimento, uma espécie de consolo. As obras me acalentavam no momento de maior dor e me recordavam que a morte era a única

certeza. Sobre isso, Barthes diz, no dia 18 de janeiro de 1978, “O Irremediável é, ao mesmo tempo, o que me dilacera e o que me contém (nenhuma possibilidade histórica de chantagem ao sofrimento, pois já aconteceu)” (Barthes, 2011, p. 87). É inevitável, irreversível e agri-doce.

A leitura, então, desempenha uma função maior que entreter ou informar, ela conforta, machuca, provoca. Arranca os risos mais sinceros e as lágrimas mais doídas. Para os autores, essa realidade também se concretiza, escrever e ler são duas faces de uma mesma página. Ou seja, para Adichie e Barthes, a necessidade de escrita também gera uma necessidade de leitura, e os livros os encontram.

Para a escritora, uma outra obra sua aparece. No capítulo 21, ela recebe de um amigo um trecho de sua obra: “ ‘A dor era a celebração do amor, aqueles que sentiam dor verdadeira tinham sorte de ter amado’.” (Adichie, 2021, p.82). Sobre isso ela conclui, “Estranho sentir uma dor tão intensa ao ler minhas próprias palavras” (Adichie, 2021, p.82).

Para Roland Barthes, além da necessidade de escrever algo para a mãe, o autor encontra seus sentimentos refletidos em outras obras, especialmente, em escritos de Marcel Proust, relata: “A literatura é isto: não posso ler sem dor, sem sufocação de verdade, tudo o que Proust escreve em suas cartas sobre a doença, a coragem, a morte de sua mãe, seu desgosto etc” (Barthes, 2011, p.173).

A literatura, assim, aparece como o que há de mais humano, provocando o mais real em nós: o sentir. O ler, então, reúne o eu-outro. Traça um fio imaginário que conecta duas (ou mais) experiências individuais, gerando o reconhecimento, uma espécie de conexão que só existe a partir daquilo que é similar. A leitura, portanto, nos conecta, nos ressignifica, nos amplia, nos estica, nos conforta, nos alivia. Ler, por vezes, é colocar o dedo na ferida mais profunda e... chorar:

Gosto de imaginar que tudo é passível de leitura: os sonhos, os sintomas, a paisagem, o céu, as estrelas, as nuvens, a doença, a morte, a música, a dança, as pessoas, as palavras. E talvez a experiência da vida nada mais seja do que estar, dia após dia, lendo o mesmo livro, às vezes a mesma frase, durante anos, e, a cada momento, um aprofundar-se, um movimento em espiral, uma leitura em direção ao centro, o centro inabitado da palavra. (Saavedra, 2021, p. 119)

4 A ÚLTIMA PÁGINA: A MORTE

Em conclusão, eu só poderia falar sobre o único fim certo: a morte. O luto nos dá consciência da finitude, a morte nos dá consciência da morte. Mais do que saber da morte dos outros, descobrimos a nossa própria morte. A escrita enlutada nos revela a nossa mortalidade e nos prepara para o inevitável. Nesse sentido, as duas obras aqui abordadas carregam essa característica:

Pouco importa se eu quero ser mudada, porque estou mudada. Uma voz nova faz força para vir à luz na minha escrita, cheia da proximidade que sinto em relação à morte, da consciência da minha própria mortalidade, uma trama muito delicada, muito claramente presente. Uma urgência nova. Uma impermanência no ar. Preciso escrever tudo agora, pois quem pode saber quanto tempo eu tenho? (Adichie, 2021, p. 108)

Sou aproximada da morte tanto quanto Adichie. Aprendo a conviver com novas realidades que se montam no meu cotidiano: a consciência da ausência do outro e a consciência da minha própria ausência futura. Para a autora, a inevitabilidade da morte é como uma névoa instável que rodeia seus dias e reveste sua obra de força e vontade, agora, é necessário escrever tudo, urge tirar todas as palavras da cabeça. O tempo é contado.

Para Barthes, a morte da mãe também o transforma e o garante a certeza da finitude de seus dias. No dia 1º de maio de 1978, ele escreve:

Pensar, saber que mam. morreu *para sempre*, completamente (um "completamente" que só se pode pensar por violência e sem que se possa manter muito tempo esse pensamento), é pensar, letra por letra (literal e simultaneamente), que eu também morrerei *para sempre e completamente*.

Há, portanto, no luto (o deste tipo, o meu), uma apreensão radical e *nova* da morte; porque antes era apenas um saber *emprestado* (canhestro, vindo dos outros, da filosofia etc.), mas agora é *meu* saber. Ele não pode doer *mais* do que meu luto. (Barthes, 2011, p. 116)

A distância que antes existia entre eu-morte e outro-morte, portanto, é arrancada. Somos colocados lado a lado com a irreversível e inevitável. A palavra escrita, para os autores, e o texto-leitura, para mim, são como aprender a morrer. Aquilo que o filósofo romano Cícero (2014) defendia ao dizer que filosofar separava o corpo físico do espírito, porque permitia um maior entendimento sobre a vida e a morte e, por isso, nos ensinava a morrer.

Algo que a poesia, também, abordou, por exemplo, com Manuel Bandeira. No poema “Consoada”, o eu-lírico diz:

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
(BANDEIRA, 1993, p. 223).

O susto que a morte gera, por seu eterno caráter de “indesejada”, é processado por essa escrita-preparo. O luto e a escrita enlutada permitem que se possa refletir sobre nossas próprias reações quando o momento vier: medrosos ou sorridentes? Podemos, portanto, nos preparar para a chegada da morte: “A verdade do luto é muito simples: agora que mam. está morta, sou empurrado para a morte (dela, nada me separa, a não ser o tempo)” (Barthes, 2011, p. 127).

REFERÊNCIAS

Adichie, C. N. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. **O Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, R. **Journal de deuil**. 26 octobre 1977 – 15 septembre 1979. Texte établi et annoté par Nathalie Léger. Paris: Seuil/Imec, 2009.

BARTHES, R. **Diário de luto**. 26 de outubro de 1977 – 17 de setembro de 1979. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CAZUZA. **Poema**. 1992. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cazuza/71204/>. Acesso em: 02 set. 2024.

CÍCERO, M.T. **Discussões Tusculanas** [online]. Traduzido por Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014, 528 p.

LAROUSSE. **Dictionnaire des synonymes: cadeau**. 2024. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/synonymes/cadeau/3330#:~:text=Ce%20qu'on%20offre%20%C3%A0,%20lib%C3%A9ralit%C3%A9%20offrande%20souvenir.> Acesso em: 02 set. 2024.

NAKAGOME, P. T. Algumas questões (muito pessoais) sobre a crítica literária hoje. **Teresa**, [S. l.], n. 18, p. 227-239, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/127476>. Acesso em: 8 fev. 2024.

OLIVEIRA, P.; RIBEIRO, B. C.; OTTONI BYLAARDT, C. Uma ferida no coração do amor: a escrita no Diário de luto de Roland Barthes. *Revista Letras Raras, Port.* 9-33/Eng. 9-29, v. 8, n. 4, dez. 2019. ISSN 2317-2347.

RIBEIRO, R. J. **Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 11(1): 185-195, maio de 1999.

SAAVEDRA, C. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.